

Capítulo 1

O trabalho humano. Da antiguidade aos nossos tempos.

Um artigo da autoria de:
DAVID FERNANDES LUÍS
Especialista em Medicina do Trabalho
com a Competência em Peritagem Médica da
Segurança Social e a Competência em
Avaliação do Dano Corporal

Escrever sobre o trabalho humano não podia deixar de ser temática mais pertinente e atual. Hoje, no nosso País e também em muitos outros da Bacia Mediterrânica, o problema não é o ter trabalho mas exatamente o oposto - não o ter. De facto, após o 25 de Abril de 1974, com o advento da democracia, os campos de cultivo foram sendo progressivamente abandonados a favor de uma terciarização da economia baseada na prestação de serviços, o que foi estimulado com a entrada de Portugal na Comunidade Europeia. A indústria das pescas também foi rapidamente desmantelada, por causa de umas cotas, e uma terra de gente outrora conhecedora e exploradora do mar, é agora apenas um território de pessoas que se ficam a «ver o mar». Ora, fica bem de ver que um povo que deixou enfraquecer até desaparecer os seus setores primário e secundários de produtividade (os setores geradores de bens transacionáveis e exportáveis) se encontre agora sem trabalho e nada mais lhe sobre senão «contemplar o oceano»! Falta trabalho. Há desemprego jovem crescente. Os filhos dos antigos agricultores e pescadores, agora doutores, não têm nada que fazer. Há que emigrar à procura de emprego. Os senhores gestores da coisa pública,

vulgo políticos, aconselham os que não têm emprego cá dentro a procura-lo noutras paragens: em África, na Ásia, nas Américas, nos Países do Centro e Norte da Europa.

A palavra trabalho deriva do latim **Tripalium**, um conhecido instrumento de tortura dos tempos romanos, constituído basicamente por dois barrotes unidos em forma de um «T». Foi o instrumento em que Jesus de Nazaré terá sido crucificado, torturado e esmorecido por fadiga, dor e asfixia. Na verdade, esta palavra soa a algo que não é agradável, que custa, que é penoso, que é causa de fadiga e sofrimento. Em podendo, qualquer ser humano lúcido se afasta logicamente deste aparelho.

De modo que desde sempre, e ainda hoje, se alguém quer infligir dor a outro seu semelhante uma maneira de o conseguir é dar-lhe mais trabalho, em tarefas profissionais de grande dureza física. - Toma lá Tripalium!...

Ainda em 1945 os nazis alemães ponham os seus prisioneiros de guerra nas minas, fábricas de armamento pesado e a construir braçalmente vias férreas... No histórico portão de ferro forjado do antigo campo de concentração nazi de Dachau, no sul da Alemanha, entretanto roubado, constava a frase «Arbeit macht frei» (o trabalho liberta). Os Alemães lá sabem...

Em menor escala e com menor visibilidade ainda hoje se observam padrões com resquícios desta mentalidade antiga. Se não apreciam certo colaborador ou o querem de alguma forma penalizar dão-lhe mais trabalho.- Toma Tripalium para aprenderes! – É uma forma de vingança à boa maneira portuguesa...

O modo de organização do trabalho humano, como sabemos, não é igual em todos os setores e ramos de atividade humana. Também não é igual em todas as empresas e não tem sido sempre igual ao longo dos tempos. Se bem que em cada época histórica tenham co existido vários tipos de organização do trabalho humano, em geral é possível sinalizar um modo predominante de organização. A tendência tem sido sempre no sentido da redução da carga e volume de trabalho atribuído a cada ser humano. As máquinas mecanizadas de há 100 anos e agora as novas tecnologias da informação e robotização vieram facilitar e tornar mais tolerável o trabalho humano, retirando-lhe o sentido de martírio de outros tempos. No entanto, nos tempos atuais, o Tripalium continua a afligir muita gente.

Na **Antiguidade** terá predominado o **trabalho escravo**. Quem eram os escravos? Eram em geral aqueles que perdiam as batalhas da guerra. o vencedor comutava a pena de morte do vencido,

geralmente a fio de espada, em trabalho - mortificava-o indiretamente pelo trabalho. Tirava-lhe a vida lentamente até que ele, moribundo, já não podia mais com o Tripalium e sucumbia à sua sentença de vencido da guerra. O escravo era um perdedor: tinha perdido no campo de batalha e a sua vida tinha sido poupada para ser entregue ao trabalho escravo. A sua vida não tinha qualquer valor e era tratado como um animal doméstico apenas para gerar força de trabalho. Era vendido e trocado como mercadoria, como ainda hoje se faz nas feiras do gado. Nesta condição, trabalhava nas minas e na agricultura, mal alimentado e pobremente agasalhado, até esgotar-se, enfraquecer e desfalecer. Se experimentava fugir era severamente castigado, ou executado e, se poupada a sua vida, era exposto às mais duras condições de vida.

Com o **Cristianismo**, o trabalho humano passou a ter um significado útil: a dor associada ao seu exercício passou a ser um modo de expiação dos pecados. Enquanto Jesus era castigado no Tripalium romano - até à morte terá proferido, em cruento lamúria, «Pai perdoa-lhes porque eles não sabem o que fazem!» E assim, por consentimento e sabedoria divina, se deduziu a celebrada equação cristã: dor>expiação dos pecados>salvação eterna. Quantos não terão perecido ao peso desta boa lógica matemática católica! O Tripalium era um caminho para a salvação... Além disso, a pena capital divina atribuída ao pecado supremo de Eva ter seduzido Adão aos prazeres naturais da carne foi terem de conquistar o pão nosso de

cada dia à custa do seu suor ou, dito de outra forma, foram expulsos do Paraíso e obrigados a trabalhar. O castigo foi a mesma pílula: o Tripalium. Não obstante, no mundo cristão, o trabalho passa a ter um significado menos mau: é um modo de enriquecimento espiritual e de salvação. O Tripalium, apesar de temido, passa a ser valorizado. Aquele que se submete ao Tripalium é alguém que merece a consideração e o respeito dos outros.



Fonte: www.google.pt/search?q=tripalium&rl

Figura 1 O Tripalium: Instrumento de tortura romano.

Com a **Idade Média e o Feudalismo**, o trabalho escravo vem camuflado de **servidão**. O senhor feudal, nobre, guerreiro, detentor das terras organizadas em feudos protege o seu escravo dando-lhe trabalho nas suas terras. O servo vive muito mal: já não é como o animal doméstico mas a sua vida não se diferencia muito da daquele: continua a passar frio, a alimentar-se mal e a vestir-se pobremente. Praticamente só tem deveres: acima de tudo servir o senhor e os seus convidados da mesma classe social. Nesta época, em paralelo ao escravo feudal, surgem os **artesãos**, a bem dizer escravos feudais especializados, que se vieram a organizar progressiva e autonomamente em colégios de artífices e corporações. O trabalhador artesão é dono da ferramenta e senhor do produto do seu trabalho. Os senhores feudais detentores do verdadeiro poder (o de fazer a guerra), «fecham os olhos a esta situação» porque os artesãos estão sob o seu domínio e fazem um trabalho especializado que lhes é benéfico e cria conforto. Indiretamente também estão sob a sua autoridade: constroem as suas armas de guerra, o seu vestuário, constroem os seus castelos, decoram e mobilam os seus aposentos e pagam...impostos. O artesanato atinge nesta época o seu apogeu. Algumas crianças em tenra idade, filhos dos mais desfavorecidos (os escravos feudais) eram entregues aos mestres artesãos para

aprenderem uma certa arte/profissão e nisto se gerou uma exploração tão odiosa como os anteriores modos de organização do trabalho. As corporações e os pequenos **burgueses** eram exploradores autorizados desta mão de obra infantil que se prolongava pela sua vida fora, a troco de quase nada: um teto e pão bolorento para comer. Mas assim se foram libertando, lenta mas progressivamente da opressão do senhor feudal.

Com a **Revolução Industrial**, a mecanização crescente do trabalho acelerou a contratação do trabalho a troco de um salário: as pessoas deixavam os campos e vinham amontoar-se nos centros industriais onde, a custos reduzidos, ofereciam a sua força física de trabalho durante 12 a 16 horas diárias. **O capitalismo** toma força: o burguês é agora empresário, adquire as máquinas e as matérias primas, contrata os trabalhadores e procura os lucros mais elevados possíveis ao vender o produto do trabalho daqueles que ele contratou. Crianças e mulheres entram nas fábricas e são exploradas até à exaustão. Muitos morrem pois as preocupações de segurança e higiene do trabalho dessa altura eram nenhuma. A preocupação máxima nesta época era aumentar a produção e o lucro, custasse o

que custasse. Surge, nos EUA, o **Taylorismo** ou organização científica do trabalho humano que teve seguidores na Europa: cada etapa de uma certa tarefa profissional era dividida nas suas partes mais elementares e estas depois reagrupadas da melhor maneira para se ganhar tempo – o trabalho humano passa a ser cronometrado e o assalariado compensado pelo aumento de rendimento verificado. Os custos para o trabalhador são elevados: aquilo que ele ganha a mais além do que ganhava custa-lhe em perda da saúde e da própria vida. Não compensa! Os trabalhadores sentem-se explorados, são escravos na mesma, iniciam revoltas, sabotam o trabalho e organizam-se em **sindicatos**. Procuram os seus direitos. Surgem as **greves**, as grandes contestações, os panfletos e as revoluções de rua. Odeia-se de morte o empresário. As ideias marxistas imperam: surge a experiência comunista e o socialismo -é a politização do trabalho humano.

No Ocidente, alguns grandes empresários reconhecem que ao trabalhador cabe mais alguma coisa além do seu salário: surge o patronato. o patrão é como um pai - olha para os seus trabalhadores como aquele olha para os

seus filhos. Passa a haver direitos e obrigações de ambas as partes. Surge o direito do trabalho.

Atualmente, as leis de segurança e higiene do trabalho imperam. Há fiscalização prevista, procura-se na mesma o lucro mas respeita-se a saúde do trabalhador. Medidas de prevenção (poucas) dos riscos profissionais e de promoção da saúde são tomadas. A organização do trabalho humano está mais de acordo com a fisiologia humana mas ainda longe do ideal. É a tentativa de humanização do trabalho. O trabalho infantil é proibido e fiscalizado; a mulher grávida é protegida; os acidentes de trabalho tendencialmente prevenidos e as vítimas sinistradas apoiadas até à sua recuperação profissional, social e familiar. Neste cenário, os **médicos do trabalho** deveriam desempenhar uma missão fulcral e muito sensível na proteção da saúde do trabalhador. Este profissional, com o seu vasto conhecimento das condições de trabalho e da saúde de cada trabalhador seria o verdadeiro defensor do bem mais precioso do trabalhador: a sua saúde. O absentismo seria diminuído, a motivação profissional seria mais elevada e o rendimento laboral mais elevado. Não obstante estas novas tendências na organização do trabalho

humano, com preocupações preventivas da doença e do acidente de trabalho, ainda coexistem conflitos de interesses entre as entidades empregadoras e os trabalhadores. O sistema de prevenção dos riscos profissionais vigentes no nosso território é, apesar de doutrinariamente bem concebido, muito ineficaz na prática. O acidente de trabalho não é prevenido e a doença profissional continua a fazer vítimas. Do ponto de vista de custo-benefício - estudo que nunca foi feito! - a medicina do trabalho e a segurança e higiene do trabalho são um puro desperdício de recursos que são escassos. Na prática, patrões, empresários e prestadores de serviços de medicina do trabalho e de segurança e higiene do trabalho continuam a não fazer nada. A lei existente é cumprida pela rama. O trabalhador que se amanha com as péssimas condições de trabalho e com as suas mazelas. Ele lá é convocado para uma consulta médica periódica ou ocasional mas o risco de vir a padecer de alguma doença profissional ou acidente de trabalho não é anulado nem tão pouco controlado. O capataz, um dos atores privilegiados deste teatro, hoje pomposamente chamado de diretor de recursos humanos, na verdade um profissional a abarrotar de incompetência

grosseira, castiga os seus trabalhadores - Tomem lá mais Tripalium, seus malandros!

O sistema atual de prevenção de riscos profissionais tem custos elevados e muito provavelmente nenhuns benefícios. O Tripalium continua a fazer as suas vítimas, exatamente na parte mais fraca das organizações empresariais, os mais explorados, os menos valorizados e os mais mal pagos. Esta figura é o trabalhador.

Na Europa, a maior potência comercial do Mundo, assiste-se à terciarização da mão-de-obra - o trabalho industrial é organizado em multinacionais e deslocalizado para países onde o custo de trabalho é mais barato. A população ativa envelhece. No Velho Continente, perdidos os grandes impérios, ninguém quer trabalhar; nos finais do século XX e início do século XXI o que se quer é divertir, viajar e relaxar - todos estão imbuídos dessa ideia suprema do lazer e bem estar. Que trabalhem os chineses e os coreanos, que se desenrasquem os brasileiros e os africanos. Tripalium nós não queremos: damos aos outros. Nós só consumimos bem estar e

conforto. Caramba! Não é nosso direito?! (expressão de E. Queiroz). Passaram-se nesta brincadeira duas décadas, talvez três. Resultado: os recursos são sempre escassos e não duram sempre. Os do Sul da Europa, e também alguns do Norte, acordam finalmente deste sonho: os seus bancos estão falidos; os seus Países estão na bancarrota. A austeridade alastra rapidamente como um tsunami. Há muitas vítimas. As empresas entram em falência, desfalcadas pelos seus administradores, os "donos disto tudo" e a elite da sociedade (afinal de contas um bando de ladrões como se viu no filme do ALI BABÁ). A preocupação é grande. Os impostos disparam. Fazem-se manifestações históricas de rua. Há grande alarme. A plebe, iludida com a falsa impressão de ascensão social – até se tornaram proprietários - perturba-se... Os do Ali Babá perdem fortunas , mas aguentam-se... Com os diabos! Há que voltar a trabalhar! (outra expressão de E. Queiroz).

Pessoalmente continuo a achar que o Tripalium não é coisa boa: gera sofrimento ,dor e mal estar; causa doença e acidentes que podem ser mortais. Sou de opinião que o Tripalium, se tiver de ser administrado, deve sê-lo em pequenas doses (nunca durante 8 horas por dia), deve ser ajustado em função da idade da vítima (a dose deve ser reduzida com o passar da idade) e do género (as mulheres deverão ter uma redução de 10 a 25% da dose). Mas trabalhar é vital, como é beber,

respirar, comer e descansar. Não trabalhar é morrer pois é da natureza humana trabalhar!

Vamos avançar...



João Camecho, 2012

Figura 2 O Autor no seu consultório na empresa Galuchos, Indústria Metalomecânica.

Advertência ao leitor - *entenda-se que a autor quando se refere ao Tripalium não se refere ao instrumento de tortura romano mas ao trabalho humano em sentido figurado.*